



**POR QUE
TANTA
PRESSA?**



AUTORES

-

Adriana Dornas
Adriano Lourenço Brito
Bibianna Danna
Carla DC
Ceginara
Gilnei Neves Nepomuceno
Gustavo Phelipe Pereira
Jennifer Borges
Maria Goretti Machado
Nadezhda Bezerra
Paul Berssey
Poetisalú
Selma Jarude Thomaz
Talita Camargos

CURADORIA

-

Alfredo Lima
André Meyerewicz
Carlos Francisco de Moraes
Edileila Portes
Lucia Santiago
Luiz Helberth Pacheco
Moema Nascimento Queiroz
Nereide Santiago
Pedro Haruf
Wânia Maria Araújo

Este livro é dedicado às pessoas que transitam diariamente pelas cidades, com mais ou menos pressa, atentas ou desatentas às estórias inscritas em cada parede. Também é dedicado aos artistas que levam a vida a pintar imagens nas paredes e muros, aos *manos e minas* que tornam a paisagem urbana mais tolerável, aos nossos olhos e emoções. Ao Surto, um estimado amigo *street artist*, que me proporcionou o primeiro contato com o Gud. A todas as pessoas que ajudaram a Atafona a tornar este livro possível. Ao Gud, especialmente, que numa manhã de domingo encontrei pessoalmente, pela primeira vez, autor da bela obra que inspirou esta publicação. Obrigado, a todos vocês, por estarem por perto desta Atafona.

**Mário
Santiago**

-
Organizador

Prefácio

TEMPO, EXISTÊNCIA E AFETOS

Quem passa pela Avenida Amazonas, na esquina com a rua Cura D'Ars, no bairro Prado, em Belo Horizonte, tem a oportunidade de ver um grafite do artista Marcelo Gomes de Assis, conhecido como Gud. Por que oportunidade? A etimologia da palavra talvez esclareça seu uso: do latim *opportunitas*, junção do prefixo *ob*, que significa “em direção a”, com o substantivo *portus*, refere-se originalmente aos ventos mediterrâneos que levavam os barcos ao porto; os ventos, portanto, eram “oportunos” ou “inoportunos” segundo a direção que se desejava. No espaço conturbado das cidades, os grafites, todos eles, me parecem sempre oportunos, uns mais que os outros, a depender do estado de espírito do transeunte. Oportunos porque proporcionam um “intervalo” na vida corrida e no espaço muitas vezes cinza dos muros das cidades, porque funcionam como ventos que podem levar a pensamentos criativos.

**Claudia
Maia**

-
Doutora em Literatura
Comparada pela UFMG
e professora do Centro
Federal de Educação
Tecnológica de Minas
Gerais - CEFET-MG

É a potência desse intervalo que ilumina o projeto da editora Atafona, *Há uma estória em cada parede*, que chega com este livro à sua segunda edição, em que o belo grafite de Gud é traduzido em histórias e reflexões. Os 14 textos aqui publicados foram selecionados pelo conselho de leitores da editora e confirmam a diversidade de sentidos e sentimentos que uma imagem pode suscitar. Tempo e existência são palavras que condensam os afetos transmitidos pelos textos, que, mais ou menos narrativos, mais ou menos reflexivos, partem da imagem para pensar a relação do ser humano com o mundo em que vive. A imagem de uma mulher que viveu muito é traduzida em reflexões sobre o fazer artístico, em histórias de abandono e sofrimento, em outras de esperança e paz com o tempo vivido, em outras ainda em que o criador do grafite se desloca para a narrativa, transformando-se em personagem.

No espaço da cidade, um espaço constantemente estriado pelo poder institucional, o grafite e a arte urbana em geral reinventam as maneiras de socialização, trazendo a rua para mais perto do habitante. Os sujeitos habitam as cidades e as cidades habitam os sujeitos, é isso o que o grafite nos ensina e a editora Atafona absorve em seu projeto, oferecendo aos autores dos textos que aqui se apresentam uma ocasião para expressarem suas sensações, suas subjetividades. A experiência de leitura e escrita deste livro, portanto, toma parte no trabalho cotidiano de fabulação da vida, inscrito nos espaços visíveis e invisíveis da cidade.



ADRIANA DORNAS

adrianadornasmoura@gmail.com

Instagram: @adrianadornasmoura

Há toda uma vida por trás desse olhar
Um olhar perdido... mas inundado de fé e esperança,
Um rosto com história, afeto e carinho.
Uma certeza temos: o tempo parece pouco para uma vida inteira
A vontade de abraçar essa mulher é abraçar toda sua existência.
As paredes e os muros são imutáveis e nos faz notar o inverno,
A vida é cheia de pensamentos e faltas
E nos faz compreender a grande lua presente no céu
A noite nos faz pensar: como acontece a vida?
A vida acontece por meio de uma mulher.

ADRIANO LOURENÇO BRITO

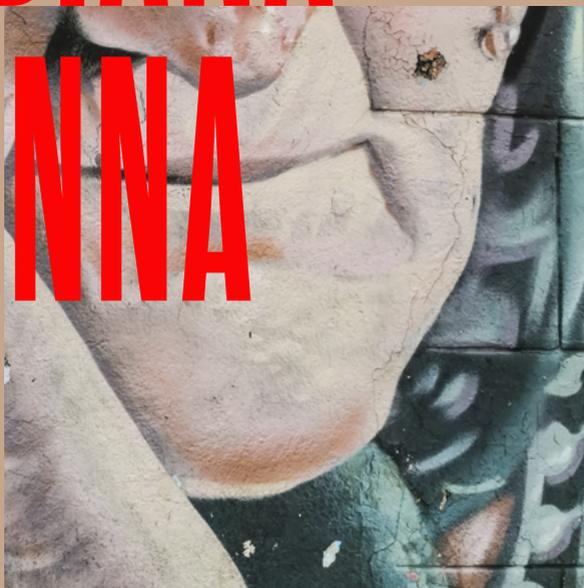


Instagram: @adrianollbrito

Facebook: adriano.lourenco.988

Assim somos nós, os artistas!
Nossa vida acontece nos detalhes.
Em coisas que outras pessoas não observam.
Estamos infiltrados em meio a uma civilização onde a maioria das pessoas insiste em concentrar seus esforços apenas no material.
Nossa missão é outra!
Conduzir a um outro caminho!
Um que se faz primeiro no interior de cada um.
Assim somos nós, os artistas!
Loucos, que caminham na contramão do que muitos consideram normalidade.
Nos encontramos na instabilidade dos sentimentos.
Nos estabelecemos na beleza do que realmente é belo, mas ainda não está revelado a todos.

BIBIANA DANNA



almamulher.wordpress.com

Instagram: [@bibianadanna](https://www.instagram.com/bibianadanna) / [@escrita.terapeutica](https://www.instagram.com/escrita.terapeutica)

Facebook: Bibiana Danna

Telegram: [sementesdocaminho](https://www.telegram.com)

You Tube: Bibiana Danna

Noventa anos. Na mesma cidade, bairro e casa. Nasci e morrei por aqui. Não tive um amor. Cuidei dos meus irmãos e sobrinhos. Aprendi a ler e a escrever sozinha. Aos domingos, depois de fazer o almoço, estava livre para ir à feira. Voltava de lá com pelo menos um livro usado.

Viajei o mundo, sem sair do lugar, lendo livros. Hoje, não enxergo mais. A minha maior dor é não poder participar ativamente das aventuras, paixões e dramas. Nessa casa centenária só tem tristeza e melancolia: os livros, minha porta para outra vida, não podem me libertar mais.

CARLA DC



Instagram: @tulipasilvestre

Uma fotografia estampava a face de Dona “Virtude Flor” em um muro: fora ali reproduzida como símbolo de promessas esquecidas. Era retratada como um vínculo partido em todos nós, nascidos do pó fragmentado pelo tempo e recriados em universos capturados por olhares afetuosos.

Nós, fotografias repousantes em paredes vazias, reflexos de uma elegante desarmonia embalada pelo aspecto exausto de Dona “Virtude Flor”, éramos também desgaste do respirar, retratos de uma fachada que de sobressalto entrelaça-se com o olhar dos que andam sós, mergulhados nas profundidades de si mesmos, observados pelo extraordinário sufoco que é o viver.

CEGINARA

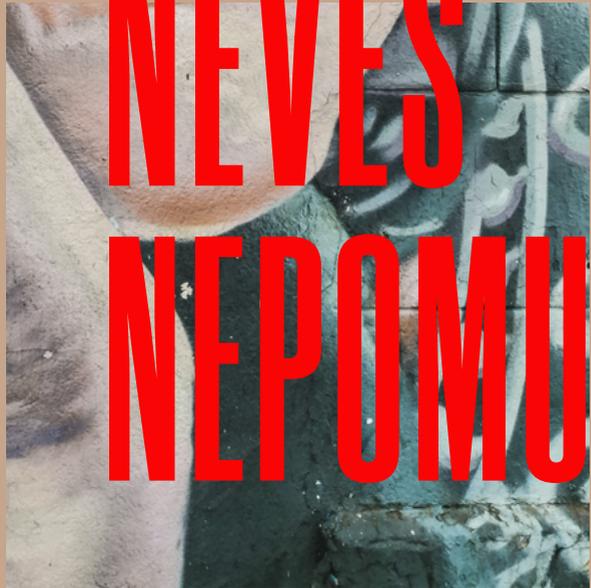


A expressão era cansada, com rugas a emoldurar tudo o que a vida a havia proporcionado, mas, o que realmente chamava atenção, era o seu olhar ávido em resgatar uma oportunidade desperdiçada e que em seu coração ainda amargurava. Era por isso que lágrimas persistiam em escorrer por seu rosto amadurecido, pela promessa de amor que não se havia concretizado. Ela queria poder voltar no tempo, viver aquele sentimento, mas seu amado fora ceifado por lutas travadas a serviço da pátria e, castigada pela dor, ela só desejava reencontrá-lo onde a esperança residia, na morte que em breve a levaria.

-

ceginara.com
contato@ceginara.com
Instagram: @ceginara
Twitter: ceginara
Facebook: ceginara

GILNEI NEVES NEPOMUCENO



–
gilneipoeta@gmail.com

Instagram: [@gilneinepomuceno](https://www.instagram.com/gilneinepomuceno)

Facebook: [gilneipoeta](https://www.facebook.com/gilneipoeta)

A mulher mostra a imagem de tempos idos com marcas de dias sofridos nos sulcos de sofrimento, em cada traço do rosto. Os olhos ostentam abandono, em silêncio constante, irreal, buscando quimeras além mundo, que nunca se realizaram. Nas paredes do rosto marcadas nas rugas do rosto curtido, expressões revelam cicatrizes de tempos difíceis, cujos sonhos foram realizados no palco com cenas reais retratando dramas. No pó dos seus cabelos vemos só uma nuvem branca das ilusões roubadas e sua alma derrama lágrimas numa implosão das próprias emoções – é bem aparente a decepção reveladora de descasos amorosos, familiares e sociais.



GUSTAVO PEREIRA

www.planoaberto.com.br

Pela Janela do Tempo, ela olha.
Olha para a vida que foi: as tristezas e as angústias, mas também as alegrias e os alívios.
Olha para a vida que poderia ter sido: os jardins com cercas, as portas com trancas e as vias sem retorno.
Olha também para a vida que não será, pois seu tempo na Estrada está acabando.
Sem saber o que existe no passo seguinte ao fim da jornada, ela para: pensando a respeito, ela não sabe se está satisfeita com todos os caminhos que escolheu (ou teve que) percorrer.
Então, pela Janela do Tempo, ela olha.

JENNIFER BORGES



rsouza@hotmail.com

Instagram : [@jennifer_s_borges](#)

Facebook: [jenniferborges1803](#)

Pensativa, constatou que fora muitas vezes vencida, mas hoje, venceu. Seus cabelos brancos e a pele enrugada, tão delicada, contam que em seus dias não houve nada superficial. Ninguém percebeu as lágrimas que encobriu de seus filhos. Seus lábios, meio sorriso, nunca souberam praguejar nem resmungar. Sempre submissa, aceitava o fardo que carregava. Embora não tenha tido oportunidade de fazer escolhas, aproveitou bem o que veio a si em forma de oportunidade. As mãos que enfrentaram trabalhos pesados negaram a vaidade. Apesar de tudo, amava a vida. Amava viver.

MARIA GORETTI MACHADO



mariagorettimachado800@gmail.com

Uma menina que amava costurar, hoje mulher, traz no rosto o linho da vida e suas expressões que revelam ações diárias de dedicação, cuidado constante, flexibilidade e fé. Seu olhar teceu a colcha da vida. Seu silêncio doou o melhor, para que todos os pontos continuassem interligados e firmes. Sua coragem, seu serviço e seu coração preservaram a vida. A costura do linho com fios da sensibilidade, da espiritualidade e do amor deu espaço para a esperança de um tempo de paz.



NADEZHDA BEZERRA

Instagram: @nadezhdabezerra e @artesasdehistorias

Os pais de Olga fabricavam matrioskas. Ela sempre brincava com a menorzinha, a única que não tinha outra dentro.

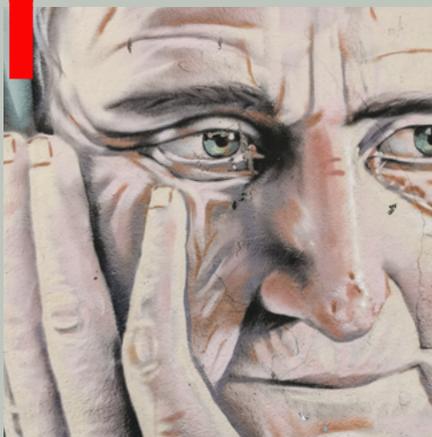
Um casal aproximou-se de sua tenda. Enquanto o marido apreciava as peças, a esposa olhava com ternura cada criança que passava.

Entre as compras havia, claro, uma matrioska. Olga gentilmente pegou a peça, retirou a menor delas e devolveu as demais devidamente organizadas.

Acreditava que sua preferência por ela tinha lhe roubado a fertilidade. Desde então as vendia incompletas, para que seguissem representando a maternidade.

No momento em que via o casal partir, Yuri pintava o seu retrato.

PAUL BERSSEY



— **¡M**ira la pared, mamá, alguien pintó a la abuela!
Con un llanto ahogado, su madre abrazó su inocencia. Sintió ganas y no paró de platicar con el retrato que creyó de su abuela, a quien sólo había imaginado en las historias de sus padres. Luego fue hora de dormir, en la banqueta otra vez, como hacía desde que les tocó vivir en las calles el desamparo.

Por la mañana, el hambre los despertó. Él se tuvo que despedir de su abuela. Y como si supiera que jamás volverían a verse, esa mañana, varias lágrimas se dibujaron en aquella pared.

POETISALÚ



-
lucialuksantos@gmail.com

Instagram: @poetizalu

Facebook: Lucia Oliveira

A voz da minha pele fala por mim Vestida em pele enrugada, porque o tempo me transformou assim, com vestes marcadas pelo tempo, não compreendo porque tudo se modificou em mim e sinto que estou chegando ao fim. Carrego no meu corpo esta veste que me cobriu por muito tempo com beleza, formosura e delicadeza, cuidando para a juventude permanecer. Fui vista nas vitrines da vida admirada em cada esquina por aqueles que me lançavam olhares brilhantes de felicidade. E agora vejo que o tempo me leva para um futuro sem retorno da felicidade da minha bela juventude – fui mutável.



SELMA JARUDE THOMAZ

Instagram: @selmajarude

Facebook: Selma Jarude Thomaz

Desculpe o adiantado do tempo, mas preciso dizer uma coisa:
amei viver.
Se puder voltarei.
Que viva, então, o que criei.

TALITA CAMARGOS



textododia.com.br

Instagram: [@talitacamargos2](https://www.instagram.com/talitacamargos2)

Marta desviou o olhar da filha, caminhou ligeiro para a plantação de café, tratou de proteger a cabeça com o pano que sobrou da roupa que fez para a lida. No cafezal, ela se escondia dos piores momentos. Mas, daquela vez, quando a moça estava na porteira, aquela mãe se mostrou para a filha. A menina mirou Marta de volta. A expressão das duas era espelho: cerraram o cenho, entristeceram os olhares verdejantes, derramaram lágrimas misturadas ao suor. A mudez emocional acabou, a despedida veio com a força do amor entre mãe e filha, sem carecer de palavras.

Entrevista

TENHO UMA SOPA NA MINHA CABEÇA

Não pergunte ao Gud quantos grafites ele já fez. Impossível saber. Dê uma olhada no Facebook e no Instagram, lá estão quase todos os seus trabalhos. No entanto, o primeiro grafite o artista não esquece. Foi em 1996, em um muro da avenida Porto Seguro, no bairro Nova Vista, Região Leste de Belo Horizonte, onde nasceu e vive até hoje. Na noite desta entrevista, faltavam apenas dois dias para Marcelo Gomes de Assis completar 39 anos.

Na contramão do que recomendam os mais experientes jornalistas, entrevistar pessoalmente, de preferência na casa ou em algum lugar de grande vínculo afetivo para o entrevistado, tive que conversar com o Gud por uma chamada de videoconferência. Nem por isso deixei de conhecer um aquário existente no meio do piso da cozinha de sua casa. Ele foi construído em um buraco, preparado especialmente para isto e, graças a um vidro grosso, dá para caminhar por cima das carpas, que nadam tranquilamente no espaço.

Peixes exercem um grande fascínio no grafiteiro Gud, e há um especial, presente na obra tema deste livro. Aquela senhora olha de forma “pensativa e um pouco melancólica” para o peixe ornamental. “A água é lágrima, tristeza, mas ao mesmo tempo alegria. O peixe é vida”, revela Gud, que ainda vai mais longe, saciando a curiosidade dos escritores deste livro, e de todos os passantes da avenida Amazonas, a respeito da inspiração do artista.

“A água é lágrima, tristeza, mas ao mesmo tempo alegria. O peixe é vida”

É preciso ir até Turmalina, no Vale do Jequitinhonha, a 320 quilômetros de Belo Horizonte, para entender a inspiração do rosto da senhora, do lenço na cabeça, da pele queimada de sol e do ar de sofrimento. Na cidade, vive a maior parte da família da mãe de Gud e, por isso, ele conhece tão bem como é a vida dos moradores do Jequitinhonha, depois de muitas visitas aos parentes. “A senhora tem o estilo das mulheres idosas de Turmalina.”

Gud garante que o grafite foi realizado no dia em que postou a foto da obra, na sua página no Facebook, dia cinco de novembro de 2015. Naquela época, escreveu duas palavras sobre a senhora e o peixe: “Lágrimas e vida”. Foram aproximadamente sete horas, diante do muro da oficina de carros, na avenida Amazonas. O local foi escolhido por ser muito movimentado e ter um ponto de ônibus em frente. Apresentou-se na oficina como artista plástico e falou do desejo de grafitar o muro. Em troca, ofereceram um lanche e emprestaram uma escada.

“Naquele muro, o grafite está bem exposto ao sol, chuva e vento. As tintas estão desbotando. Difícil resistir por muito tempo.” Parece haver alguma semelhança com a sofrida senhora “melancólica”.

Exatamente o oposto do local onde, por acaso, tive a alegria de conhecer o Gud. Embaixo do viaduto da avenida da Silva Lobo, bairro Nova Suíça, ao lado de um supermercado. Era um domingo de manhã. Estava indo fazer compras com minha esposa, quando vi um homem, no alto de uma escada, no chão havia várias latas de tinta, grafitando uma mulher com uma loba. Começamos a conversar, descobri ser o artista da senhora de mão no rosto. Liguei para o Mário Santiago, que tinha me falado do Gud e do projeto deste livro. Coincidentemente, estava no supermercado próximo e, foi ao nosso encontro. Neste momento, surgiu o convite para realizar a entrevista.

Figuras humanas e animais fazem parte do conjunto da obra de Gud. Tigres, cavalos, polvos, tubarões, peixes, urso, cães e gatos. Peixes, quase sempre. Nadam em muros, nadam sob a forma de tatuagem na perna de uma mulher grafitada e até mesmo dentro de uma lâmpada, basta um olhar, um pouco mais atento. Chegou a pintar uma Arca de Noé, em cinco de agosto de 2014. A foto da obra está no Face, acompanhada de um comentário bem-humorado de um apreciador, sobre a sorte dos peixes, por não precisarem entrar na arca.

“Tenho uma sopa na minha cabeça!” Neste prato gudiniano, os ingredientes vão além da fauna. Tem desenho

animado, fotografia artística, surrealismo, hiper-realismo, cinema futurista, texturas e uns “mecanismos do Professor Pardal” — personagem dos quadrinhos Disney, um inventor. O chef Gud junta e transforma todos os itens em uma bela sopa, um *free style*. Nascem os seus grafites, espalhados por vários bairros de Belo Horizonte. Alguns duram anos, outros chegaram a sumir de um dia para o outro.

Vida breve

“Sei que minha obra é efêmera. Minha arte está nas ruas, em locais públicos, podem sumir a qualquer momento. Por isso, fotografo. Não tenho muito apego. O importante é a foto.”

Gud fala isto com tranquilidade. Não parece, realmente, se preocupar com os riscos representados pela rua, tanto para as obras quanto para ele, mesmo após ter sido conduzido para a Polícia Federal em Belo Horizonte, por grafitar o prédio da Faculdade de Direito da UFMG, situado na avenida João Pinheiro, no Centro da cidade.

O artista não ficou detido. “É preciso saber conversar. Ficaram com minhas tintas e algum tempo depois me ligaram. Devolveram tudo.” A Faculdade de Direito foi pintada, mas preservaram o grafite.

Suas obras podem ser encontradas também no Rio de Janeiro — na capital e municípios como Niterói, Mesquita e Itaboraí — São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.

Em 2004, ele e mais quatro artistas representaram a capital mineira na Feira de Municípios, em São Paulo, com um painel de 3x3. Em 2018 participou de um evento internacional em Porto Alegre, o *Meeting of Styles*.

“Já grafito em cima dos meus próprios grafites. É uma evolução. A foto preserva.” Para quem conheceu um grafite feito por Gud, em homenagem ao compositor e cantor Adoniran Barbosa, visto por muito tempo na rua Guaicurus, causa espanto a naturalidade ao contar como a obra desapareceu, da lateral de um imóvel da região. “Me pediram autorização para fazerem uma outra obra por cima, eu disse não ter problema.”

Talento

“A academia sufoca nossas liberdades, mas ao mesmo tempo gostaria de cursar uma faculdade para conhecer outras artes, como a xilogravura, por exemplo.”

Gud nunca fez nenhum curso regular de desenho ou pintura. Chegou a frequentar umas aulas na Arena da Cultura, da Prefeitura de Belo Horizonte. “Eram mais conversas e trocas

de experiências entre artistas, pessoas atuantes nas artes.”

O pai desenhava bastante e foi uma influência, mas não chegou a trabalhar profissionalmente como artista. A grande descoberta para o grafite foi trazida por um colega, que morava em Ceilândia, no Distrito Federal. Ele estava em Belo Horizonte e mostrou para Gud alguns cartões postais, com cenas de grafites feitos em Brasília.

Esses cartões tinham os quatro elementos do hip hop: o DJ, o MC, o b-boy e o grafite. “Nestas cenas, as imagens do b-boy me chamaram muito a atenção.” Ficou motivado a grafitar, ao ver as imagens.

Atualmente, tem feito telas e gostaria de fazer pinturas verticais em grandes prédios. Na conversa por videoconferência, Gud me apresentou o “quartinho” das tintas e telas. Disse não se tratar de um ateliê. No trajeto da cozinha até o local passou correndo o seu filho João Marcelo, de um ano e nove meses. Havia brinquedos entre as tintas e telas. “Eu também era assim, agitado, vivia correndo!” (risos)

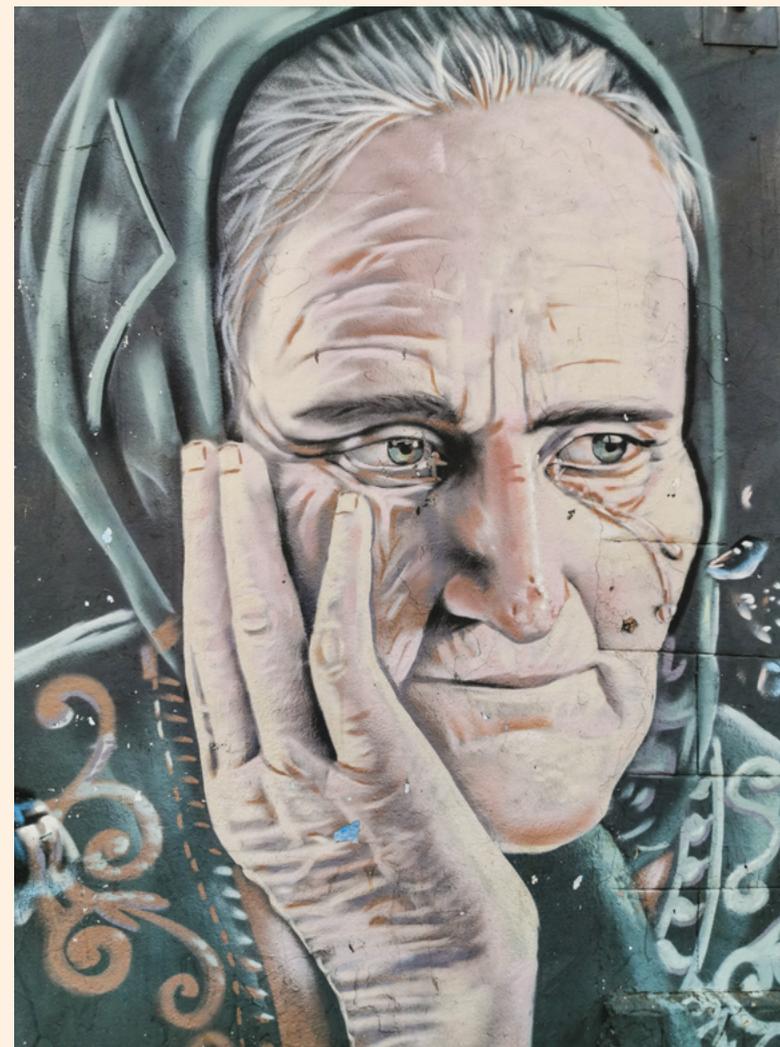
Gud tem vontade de conhecer “cenas fortes” do grafite fora do Brasil. Para ele, o melhor do grafite internacional está na Espanha, Alemanha e México.

Às vezes, vale a pena andar na contramão, como entrevistar um artista plástico por videoconferência.

Entrevista com o Gud Assis, concedida a Bernardo Carneiro em 12 de maio de 2020, por meio de videoconferência, devido à pandemia de covid-19.

Bernardo Carneiro é formado em Jornalismo e História. Trabalha há 11 anos em assessoria de comunicação no Governo de Minas Gerais. Já atuou em agência de comunicação e veículo especializado em agronegócios. É carioca naturalizado mineiro. Fotografa famílias, crianças e grávidas. Gosta de pedalar pelas ruas de Belo Horizonte e faz longas caminhadas com o cão Max. É pai do Gui e casado com a Cris.

bernardore@gmail.com



Créditos

© da imagem principal – Marcelo Gomes de Assis
© dos textos - autores das estórias, 2020
© desta edição - Atafona, 2020

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Editor

Mário Santiago

Divulgação

Thalita Alvarenga

Fotografia

Daniel Chico

Projeto gráfico

Yasmin Moura

Revisão

Bernardo Carneiro Rezende

Revisão final

André Meyerewicz
Lucia Santiago

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P832 Por que tanta pressa? / Adriana Dornas ...[et.al.]; Mário Santiago, Organizador. – Belo Horizonte: Atafona, 2020.

45 p.

il.

totalmente color.

ISBN: 978-65-86805-03-1

I. Arte de rua-Belo Horizonte. I. Arte e Literatura. I. Dornas, Adriana. II. Título.

CDU: 7.036(815.1)

CDD: 741

Bibliotecária responsável Gilza Helena Teixeira - CRB6/1725



Caixa Postal 7789

30.411-973 – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Telefones: 55+31 99919-8785 – 3643-6278

www.editoraatafona.net

editoraatafona@gmail.com

